

**Quadrinhos e suas possibilidades enquanto fonte história:
um estudo sobre Palestina, de Joe Sacco**

MARÍLIA NOLETO GOMES¹

A atenção despertada pelo tema “história em quadrinhos” origina-se pelo interesse que um objeto adquire ao transcender as barreiras dos lugares-comuns para estes atribuídos. Entenda-se por lugar-comum neste caso a esfera do entretenimento. Tal pressuposto pode ser comprovado academicamente pelos estudos da Indústria Cultural, vetor que engloba em sua grande maioria os produtos simbólicos disseminados em larga escala e com fins de comercialização para o lazer.

Partindo da série *Palestina*, de Joe Sacco, o questionamento que permeia a presente pesquisa baseia-se na indagação: seria a história em quadrinhos² uma linguagem apropriada para abordar um tema complexo como o conflito entre árabes e judeus na disputa pelo território da Palestina? A partir das perspectivas apresentadas pela História Cultural é possível vislumbrar novos paradigmas que podem ser agregados à pesquisa sobre o tema, de forma a introduzir o universo da HQ ao debate da historiografia contemporânea.

Sacco consegue dar visibilidade àqueles cujas vozes foram silenciadas? Redefinir os elementos que dão substância à identidade palestina suprimida pela mídia internacional? A presente proposta concentrará suas atenções nas passagens significativas que evidenciam tal propósito, procurando, sempre que possível, destacá-las do corpo do texto. Amparada por uma pesquisa bibliográfica consistente, o trabalho buscará sua estruturação em conceitos-chave do âmbito da História Cultural, tais como: representações, imaginário e identidades.

Que Sacco consegue atingir seu objetivo, fica evidente para o leitor de imediato, na sensação que permanece no receptor após a leitura do texto. Aqui, aqueles “invisíveis” da TV possuem rostos, nomes famílias, hobbies, amores, frustrações. Essa reversão do olhar sobre a alteridade só se torna possível mediante a construção de uma

¹ Mestranda do curso de pós-graduação em História da Universidade Federal de Goiás.

² O termo “histórias em quadrinhos” será substituído pela sigla HQ doravante no texto, por ser bastante recorrente na abordagem do tema.

narrativa que até então raras vezes tinha sido utilizada. Entretanto, basear a conclusão de uma pesquisa acadêmica em meras sensações que podem ser aferidas apenas em uma esfera muito particular é problemático, para não dizer um equívoco. Postula-se então como desafio para o trabalho a necessidade de permitir uma experimentação de tal sensação em um âmbito mais acadêmico, passível de mensurações conceituais.

Criador e criatura

Natural de Malta, Joe Sacco atualmente vive em Nova York, onde trabalha como cartunista e jornalista. Formado em jornalismo pela Universidade do Oregon, em 1981, ele inventou o que podemos chamar de um novo gênero no jornalismo: a reportagem em quadrinhos. O “pai” do novo estilo trabalha com técnicas comuns à de qualquer outro repórter. No entanto, o seu diferencial é que, ao invés de transformar o material coletado em texto jornalístico (reportagem), Sacco o transforma em história em quadrinhos.

As peculiaridades de Sacco não se resumem à técnica utilizada; o projeto de apresentar um mundo até então desconhecido para a maioria dos ocidentais, principalmente os jovens, e ainda em um caso mais específico, os jovens norte-americanos, chega a ser quase uma cruzada pessoal do autor. Alguns nomes que fizeram parte das leituras de Sacco soam familiares e ao mesmo tempo, extremamente pertinentes, como informa José Arbex no prefácio do primeiro volume, *Uma Nação Ocupada* (2004, p. 10):

leitor de Noam Chomsky [...] começou a se interessar pela ‘questão palestina’ a partir de 1981, quando Israel bombardeou o Líbano. Seu interesse tornou-se indignação em 1982, quando as tropas israelenses, comandadas pelo facistóide Ariel Sharon, deram suporte militar e logístico ao massacre de cerca de 5 mil palestinos (a imensa maioria crianças, mulheres e velhos) nos campos de refugiados libaneses de Sabra e Chatila. Sacco suspeitou que havia algo de muito errado nas descrições da mídia que fazia de Israel um Estado ‘vítima’ dos ‘sanguinários’ vizinhos árabes. Começou a investigar o assunto por conta própria.

Outra influência explícita no trabalho de Joe Sacco é Edward Said, um dos ícones na defesa da causa palestina; influência esta, aliás, assumida pelo próprio jornalista-quadrinista. Além de já ter afirmado em várias entrevistas ter lido a obra *The*

Question of Palestine, Sacco aproveitou o advento de Palestina para, com seus traços, dar forma e conteúdo à sua convicção não apenas ideologicamente, mas também na causa defendida por Said. A página 33, extraída do livro *Faixa de Gaza* enfatiza esta questão:



Ilustração 4: *Palestina: Na Faixa de Gaza*, 2005, p. 33

Independente de quais sejam suas motivações, conscientes e inconscientes, não é relevante aqui; o que importa para este trabalho é como o autor se apropria de novos referenciais para criar um contraponto da identidade palestina, munido de elementos que irão resguardar tal personificação da ‘sombra’ do que Said (1990) denominou “orientalismo”: “esse sistema estático de ‘essencialismo sincrônico’” (BHABHA, 2003, p. 122) que eclipsa miríades de povos, línguas, culturas sob o espectro do desconhecimento.

Ao final de 1991 e início de 1992, Joe Sacco passou dois meses em Israel e territórios ocupados, viajando e levantando informações. Chegou a presenciar confrontos nas ruas. Voltou ao Ocidente em 1992, com a idéia de divulgar o que testemunhou e ouviu de seus entrevistados durante sua pesquisa no Oriente Médio, combinando as técnicas da reportagem produzida ‘in loco’ com a arte do quadrinho.

O fio condutor da narrativa em *Palestina* é construído pelo depoimento de diversas vítimas da ocupação; desde famílias expulsas de suas casas pelos assentamentos patrocinados pelos israelenses, até gente que ficou detida nos campos de prisioneiros, inclusive pessoas que tiveram parentes torturados e/ou mortos. Como arguto repórter, Sacco observa tudo e todos à sua volta. Homens, mulheres, jovens, idosos: todos são convidados a contar suas histórias, que em não raras ocasiões, são distintas e ao mesmo tempo similares.



Ilustração 5: *Palestina: Uma nação ocupada*, 2004, p. 9

Sacco chega a ser irônico com esta situação (a ironia é uma constante, até mesmo como recurso para dar mais leveza à narrativa), mas o autor é dotado de sensibilidade suficiente para saber que aquela era uma oportunidade de finalmente ouvir o outro lado.



Ilustração 6: *Palestina: Na Faixa de Gaza*, 2005, p. 8

Ainda no prefácio, José Arbex reitera a preocupação do autor em dar “cara aos árabes invisíveis”. Sacco encontrou em seu trabalho uma forma de atingir este objetivo: “em um mundo onde imperam as imagens, (ele) produz as suas próprias (...) para subverter, questionar uma percepção uniformizada pela mídia” (*In SACCO: 2004*, p.11).

Para se aproximar de seu objetivo final, o jornalista lança mão de uma poderosa ferramenta: o relato, pois o mesmo “permite que uma pessoa construa uma identidade. Não é privilégio de homens ilustres. (...) Todo indivíduo, em algum momento de sua existência, por uma razão qualquer, se entrega a este exercício”, segundo Artières (1998).



Ilustração 7: Palestina: Uma nação ocupada, 2004, p. 10

Conforme Artières, nas nossas sociedades ocidentais, desde o fim do século XVIII, estabeleceu-se progressivamente um formidável poder da escrita que se estende sobre o conjunto do nosso cotidiano; a escrita está em toda parte: para existir, é preciso inscrever-se. É um dever produzir lembranças; não fazê-lo é reconhecer um fracasso, confessar a existência de segredos. Manter arquivos da própria vida é querer testemunhar. Com a visita de Sacco à Palestina, os moradores se entregaram a esta prática (vide passagem acima): um dos entrevistados, ao se despedir do jornalista, lhe pede encarecidamente que conte sobre eles ao mundo.

Dauphin e Poubain (2002) defendem que o gênero biográfico é particularmente ávido por esses documentos, que se tornam provas e indícios ao sabor dos autores. Desvelam a vida privada, o que se esconde atrás da cena pública, o que não é acessível no mistério da obra ou na fulgurância do acontecimento, parecendo manter-se bem longe do documento oficial e do discurso construído, produzindo esse “excesso de sentido” que insufla força, convicção e veracidade aos comentários.

Narrativas de experiências

Narrar é interpretar uma experiência. E tal interpretação é feita e desfeita a cada vez que é revivida. Assim, o historiador contemporâneo, que encontra nas versões plausíveis de um passado seu novo foco de trabalho, deve atentar para as possibilidades fornecidas pelos apetrechos que permitem o “arquivamento do eu”. Segundo Phillipe Artières, o homem se encontra em um momento em que “quase tudo passa por um pedaço de papel”. Papel aqui, se referindo não exatamente ao aparato físico, mas sim à fixidez da escrita.

Nesse contexto, “o anormal é o *sem-papéis*; (...) o indivíduo perigoso é o homem que escapa ao controle gráfico”. Registrar sua existência, seja lá de que maneira for, é a resposta a uma a uma exigência social de se render à ditadura da escrita: afinal, “para existir, é preciso inscrever-se” (ARTIÈRES, 1998, p. 5). Mas não arquivamos nossas vidas de qualquer maneira; fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência. Numa autobiografia, não só escolhemos alguns acontecimentos, como os ordenamos numa narrativa; a escolha e a classificação dos acontecimentos determinam o sentido que desejamos dar a nossas vidas. Essa condição será explorada constantemente na narrativa em questão.

Os depoimentos sofrem tal manipulação em dois estágios: primeiro, pelos próprios entrevistados, que selecionam dentre suas memórias aquelas que melhor demonstram sua condição de vítimas; segundo, pelo próprio Joe Sacco, que tendo claramente definido o que deseja contar, seleciona e dispõe os depoimentos de forma a criar toda uma retórica dos oprimidos. Um dentre inúmeros que compõe a obra é o depoimento a seguir, no qual fica evidente a necessidade de expor a brutalidade à qual os palestinos estão expostos:

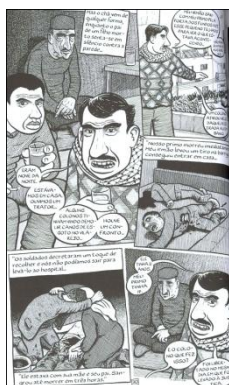


Ilustração 8: Palestina: Uma Nação Ocupada, 2004, p. 70

A passagem também exemplifica o clima que contagia o texto de Sacco: o tom da conversa é informal, um bate-papo desacelerado, longe da urgência do furo e da necessidade do alarde, do sensacionalismo. O relato expressa o sentimento de descrença e desânimo, uma letargia que assola os personagens envolvidos diretamente no conflito. Entusiasta da obra de Sacco, Edward Said (*In Sacco*, 2005, p. 12) afirma que ninguém até então havia descrito esse “terrível estado das coisas” melhor que este jornalista:

o que faz de Sacco um narrador tão excepcional da vida nos territórios ocupados da Palestina é que sua verdadeira preocupação são as vítimas da história. [...] a maior parte dos gibis termina com a vitória de alguém, o triunfo do bem sobre o mal, dos justos sobre os injustos. [...] Os vilões de Super-Homem são expulsos e não ouvimos mais falar deles [...] Palestina, de Sacco, não é nada assim. As pessoas com quem ele vive são os perdedores da história, banidos às margens ou vagando em desalento, sem esperança ou organização – a não ser por pura rebeldia, pela força quase sempre ignorada de seguir em frente e pela disposição para se agarrar à sua história, conta-la repetidamente e resistir aos planos de expulsá-los de uma vez.

O endosso de um intelectual como Said, evidentemente, contribuiu para legitimar o HQ reportagem de Sacco, que efetivamente causou impacto ao difundir entre um público mais amplo o cotidiano de violência e exclusão vivido pelos Palestinos.



Ilustração 9: Palestina: Na Faixa de Gaza, 2005, p. 18

Ainda reportando-nos a Artières (1998, p. 3), dessas práticas de arquivamento do eu se destaca “o que se pode chamar uma intenção autobiográfica. Em outras palavras, o caráter normativo e o processo de objetivação e de sujeição que poderiam aparecer a princípio, cedem na verdade o lugar a um movimento de subjetivação. O arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência”.

O arquivamento do eu não é uma prática neutra; é muitas vezes a única ocasião de um indivíduo se fazer ver tal como ele se vê e tal como desejaria ser visto. Arquivar a própria vida é, simbolicamente, preparar o próprio processo: reunir as peças para a própria defesa, organizá-las para refutar a representação que os outros têm de nós. É o que se pode observar na passagem abaixo:



Ilustração 10: Palestina: Na Faixa de Gaza, 2005, p. 23

O relato, seja ele biográfico ou autobiográfico, como o do investigado que “se entrega” a um investigador, propõe acontecimentos que, sem terem se desenrolado sempre em sua estrita sucessão cronológica, tendem ou pretendem organizar-se em seqüências ordenadas segundo relações inteligíveis. Nesta perspectiva, o relato confere a ilusória sensação de que a vida é um conjunto coerente, linear e orientado, o que Bourdier considera a “ilusão biográfica”.

Para Bourdier (*In*: FERREIRA, AMADO, 2004, p. 185), “produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como relato coerente de uma seqüência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar”.

Assim, recorrer aos quadrinhos enquanto caminho para que o historiador penetre em um âmbito muito mais íntimo, adentrar na história que se constrói longe das lentes, das câmeras, dos documentos oficiais, requer cuidados singulares na leitura e no manuseio desta fonte. É preciso que o historiador esteja a par das particularidades da fonte, no que tange a objetividade do relato, bem como suas pretensões.

A construção da identidade por meio da narrativa midiática

Com a cobertura da Guerra do Golfo pela imprensa ocidental, o mundo foi atingido pela avalanche de imagens da mobilização norte-americana para o ataque a Bagdá, capital do Iraque. Durante os seis meses de preparação - entre agosto de 1990, data da invasão do Kuwait, por Saddam Hussein, a janeiro de 1991, início do conflito propriamente dito – o conhecimento sobre quem eram os soldados norte-americanos

ganhou os noticiários em todo o Ocidente: seus nomes, famílias, suas idades, namoradas. Contramão a isso, não se sabia absolutamente nada sobre quem estava “do lado de lá”. As imagens que chegavam ao hemisfério Oeste do globo eram as enigmáticas mulheres de véu, crianças armadas, camelo, sugerindo tratar-se de povos atrasados e fanatizados pelo Islã.

Todos esses elementos contribuíram para o que Arbex (2004) denomina ‘engenharia de consenso’, arquitetada pelas grandes corporações da mídia, levando milhões de pessoas a acreditarem na legitimidade da investida norte-americana no Iraque. O principal motivo teria sido o sucesso da chamada ‘Tempestade no Deserto’: em 40 dias e 40 noites, os EUA lançaram 88,5 mil toneladas de explosivos sobre Bagdá de forma ‘cirúrgica’, supostamente sem derramar sangue de civis, segundo a CNN. Ainda de acordo com Arbex (2004, p. 10), por meio desta operação, “os árabes se tornaram invisíveis, tanto quanto os soldados americanos se tornaram nossos amigos”.

Sacco toma partido e deixa isso evidente, abrindo mão da imparcialidade, tão almejada, porém quase nunca alcançada pelos jornalistas. Como seu objetivo é bem definido, ele não tem pudores em se posicionar ao lado dos palestinos, apesar de que esse posicionamento ora se fortalece, ora claudica. Sacco não se abstém; ao contrário, ele é autor, mas também personagem. A construção da narrativa implica em sua participação, forçando o autor a se submeter às dificuldades e até mesmo a momentos descontraídos junto aos palestinos. lado a ser ouvido é o lado árabe e para isso há uma explicação, como mostra a passagem da página 112 (ao lado), do livro Na Faixa de Gaza.



Ilustração 11:
Palestina: Na Faixa de Gaza. n. 112

A herança do espetáculo midiático, proporcionado pela presença das câmeras nos *front* de guerra, é a simpatia que o movimento sionista obteve graças a uma percepção eurocêntrica que permeia o mundo. Entretanto, a negação da existência árabe na Palestina não é um processo recente. A mídia só veio fortalecer um discurso que nasceu no começo do século XX, com o lema sionista “uma terra sem povo” (Palestina), “para um povo sem terra” (judeus). Eis aqui a semente do conflito, pois a Palestina não era ‘uma terra sem povo’; ao contrário, a ocupação da região tem registro ainda no século VII por árabes mulçumanos e por minorias de judeus e árabes cristãos.

O lema sionista respaldaria posteriormente o início da chamada 2ª diáspora, mediada pela então potência política e econômica, a Inglaterra, que tinha interesses estratégicos no Oriente Médio e necessitava de uma presença parceira nesse projeto. Em 1917, o governo britânico decretou o estabelecimento de uma nação judia na Palestina. O movimento eclodiu com a imigração judaica, que ganhava força seja na aquisição por parte dos judeus de terras de donos ausentes, seja pela expulsão de camponeses árabes.

Para Edward Said, a justificativa para a ocupação em detrimento da presença árabe, deve ser entendida como “a luta entre a presença e a interpretação, a primeira sendo sempre derrotada pela segunda” (SAID, 1979, p. 8, citada por Arbex *In* SACCO, 2004, p. 11). O autor reitera: “o que nossos líderes e lacaios intelectuais parecem incapazes de compreender é que a história não pode ser apagada, que ela não fica em branco como uma lousa limpa para que ‘nós’ possamos inscrever nela nosso próprio futuro e impor nossas formas de vida para que esses povos menores adotem”. (SAID, 1990, p. 14). A concomitância ideológica, percebida nas elucubrações de Said e na obra de Sacco, torna profícuo o diálogo entre os dois.

Sacco começa sua narrativa sobre a questão palestina desvelando a violência implícita no lema, pois para que os judeus se apropriassem da região, não haveria outra saída a não ser expulsar os habitantes que viviam no local, (páginas 12 e 13 do livro *Uma Nação Ocupada*).

Atentemos para um diferencial que se poderia entender como um trunfo: ele não cria uma ficção, uma história que se alimenta apenas de imaginação. Ao contrário: cria uma narrativa comprometida com o real. Mediados por sua presença, os relatos ocupam o centro da narrativa, mas são complementados por trechos informativos que adquirem o aval documental, ao primarem por um registro comprovado de eventos e não por meras divagações:



Ilustração 13:
Palestina: Uma Nação Ocupada, p. 12



Ilustração 14: *Palestina: Uma Nação Ocupada*, p. 13

As páginas 12 e 13 do primeiro volume de *Palestina* respaldam tal constatação. O repórter posiciona-se como historiador. Eis um momento crucial no qual os limites entre os dois ofícios se confundem. A narrativa evolui a partir das inserções que Sacco busca fazer para complementar sua história. Tais enxertos são comprometidos com o objetivo de transmitir ao leitor a noção de que os fatos servem de ponto de partida para sua versão da história, que é construída no seio de uma comunidade arrasada pela repressão.

Pode-se apreciar então uma obra informativa. Tanto no âmbito subliminar, na expressividade de seus personagens, na riqueza de traços, na disposição caótica dos balões, quanto no que é possível apreender explicitamente por meio da linguagem escrita. Todos esses elementos colaboram para uma narrativa diferenciada, que penetra “no Dédalo das relações e tensões que as constituem a partir de um ponto de entrada particular (um acontecimento, obscuro ou maior, o relato de uma vida, uma rede de práticas específicas)” (CHARTIER, 2000, p. 66).

Quem são os sujeitos da narrativa?

Não é necessária uma análise acurada para se perceber que a narrativa de Sacco se desenvolve em duas frentes que se completam: os relatos dos entrevistados e passagens respaldadas pelos dados oficiais. Em sua tentativa de “dar cara aos invisíveis”, não basta se perder nos episódios longínquos, nas brumas do passado, mas reforçar, reiterar a trajetória deste povo em meio às vicissitudes do presente, lançando mão de uma retórica impregnada de violência, sofrimento e humilhações. Uma verdadeira retórica da opressão.

É de fundamental importância lembrar que os palestinos nunca deixaram de se sentir palestinos em momento algum da história. A importância do trabalho de Sacco para a historiografia respalda-se na assertiva de Said sobre os palestinos: “aqueles que não chegam aos nossos aparelhos de TV, ou se chegam, são retratados como marginais sem importância, talvez até dispensáveis, se não fosse por seu valor de incômodo” (SAID, *In SACCO*, 2005, p. 10), tal representação passa a ser reconstruída, livre de distorções, mediada por um sujeito dotado de legitimidade. O fato de se tratar de um jornalista norte-americano, cujo nome estampara diversos veículos de grande abrangência, permitiu maior receptividade ao seu projeto.

Há que se enfatizar o significado de se compreender este processo, levando-se em conta as particularidades da Globalização, que “se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado” (McGREW, 1992, apud HALL, 2006, p. 67). A percepção é de que o mundo é menor e as distâncias mais curtas, que os eventos em um determinado lugar têm impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância.

Torna-se necessário nesse contexto atentar para a inexorabilidade da existência do Outro. (PRATT, 1999). Este ‘Outro’ é “fruto de construções que funcionam nas teorias como caixas vazias, que podem ser preenchidas com quaisquer atributos, dependendo de qual qualidade contrastiva se pretende, se deseja salientar” (PRATT, 1999, p. 45). Os atributos de tais construções se tornam ainda mais evidentes no que

Mary Louise Pratt chama de “zonas de contato”³, onde “os *eus* modernizadores e seus supostos outros estão co-presentes, co-habitando os mesmos territórios (ou os mesmos corpos), e partilhando o desafio de criar sociedades factíveis” (PRATT, 1999, p. 50).

Assim, um dos elementos nevrálgicos de *Palestina* é justamente a visibilidade que se dedica aos costumes, hábitos e tradições palestinas. Do *keffiyeh* ao chá, passando pelas questões da mulher muçulmana. Sacco, que em meio aos palestinos é encarado como personificação do Ocidente, serve de contraponto, atuando como principal referente que intermediará o choque cultural. O autor, em diversas ocasiões, é questionado pelos palestinos, que por algum motivo ou outro, contestam o estilo de vida ocidental.

Essa estratégia para construir o enredo se justifica com base na idéia de que a definição da identidade se pauta pela marcação da diferença. Torna-se pertinente reportar a Tomaz Tadeu da Silva, ao argumentar que “identidade e diferença tem que ser ativamente produzidas” (2000, p. 76). Para saber quem sou, devo saber quem não sou. Essa noção é sempre reforçada pelos sistemas de representação. Na sua condição de autor-personagem, é o olhar ocidentalizado de Joe Sacco que vai servir de parâmetro para evidenciar essas posições-de-sujeito:



Ilustração 15: *Palestina: Uma Nação Ocupada*, p. 74

³José de Souza Martins atribui para a mesma situação o conceito de “zona de fronteira”, a partir de dois conceitos específicos: frente pioneira e frente de expansão. Cf. MARTINS, José de Souza. *Fronteira. A degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Hucitec, 1997.



Ilustração 16: Palestina: Na Faixa de Gaza, p. 22

Uma passagem emblemática é a das páginas 61 e 62 do primeiro livro, *Uma Nação Ocupada*, que aborda a importância das oliveiras para o povo palestino, algo que causa estranhamento para uma cultura incontestavelmente atrelada aos valores materiais como a ocidental:



Ilustração 17: Palestina: Na Faixa de Gaza, p. 61-62

Um momento de descontração é quando Joe Sacco destaca a hospitalidade palestina sendo demonstrada com doses exageradas de açúcar no chá:



Ilustração 18: Palestina: Na Faixa de Gaza, p. 124

Uma questão que sempre alimenta debates é a questão da mulher mulçumana, especificamente na discussão sobre o uso do véu (*hijab*), que para os ocidentais é interpretado como signo da repressão. Sacco faz uma abordagem interessante: partindo do seu próprio estranhamento, ele tenta entender o que este adereço de fato significa para a parte diretamente afetada pela situação: as mulheres palestinas.

O que torna a leitura mais atrativa é a maneira como ele conduz o debate: não se trata de texto pré-moldado. O autor prima pelas sensações, pelas percepções subjetivas, captando reações, suas e a de suas entrevistadas e nem por isso a informação se perde. Mais do que isso: seu leitor tem a oportunidade de se defrontar com os vários entendimentos sobre o assunto. É o que se pode acompanhar nas páginas 137, 138 e 139 do livro *Uma Nação Ocupada*:



Ilustração 19: Palestina: Uma Nação Ocupada, p. 137



Ilustração 20: Palestina: Uma Nação Ocupada, p. 138



Ilustração 21: Palestina: Uma Nação Ocupada, p. 139

Por todos os argumentos aqui apresentados, uma publicação em quadrinhos da natureza de *Palestina* (ainda bastante singular no interior da indústria do entretenimento e do mercado editorial, mais especificamente), justifica o interesse na reflexão mais aprofundada de uma cultura orientada para fins mais práticos e socialmente mais ricos, do que o mero entretenimento. No campo da História, esse objeto se torna ainda mais pertinente uma vez que permite o olhar abalizado do historiador na mediação entre dois pólos díspares, na tentativa de formular questões para uma leitura acadêmica das fontes.

REFERÊNCIAS

ARTIÈRES, Philippe. *Arquivar a própria vida*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v.11, n. 21, 1998.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

BOURDIER, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Mairita; AMADO, Janaína (Coords.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004, pp. 07-24.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. <<http://www2.mre.gov.br/doma/palestina.htm>>. Acesso em: 26 mai. 2009.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia*. Porto Alegre, UFRGS, 2002

DAUPHIN, C; POUBLAIN, D. *Maneiras de escrever, maneiras de viver: cartas familiares do século XIX*. In: MIGNOT, Ana Cristina; BASTOS, Maria Helena; CUNHA, Maria Teresa. *Destino das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002.

McGREW, A. “A Global Society?” In: HALL, S.; HELD, D. e McGREW, T. (org). *Modernity and its futures*. Cambridge: Polity Press/Open University Press, 1992: 61-116 apud HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

PATATI, Carlos; BRAGA, Flávio. *Almanaque dos quadrinhos: 100 anos de uma mídia popular*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

SACCO, Joe. *Palestina: uma nação ocupada*. Tradução de Cris Siqueira. 3ª ed. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004.

SACCO, Joe. *Palestina: na Faixa de Gaza*. Tradução de Cris Siqueira. 2ª ed. revisada. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SANTAELLA, Lúcia. *Comunicação e pesquisa*. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SILVA, Tomas Tadeu da (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 200.